



Divulgação

O ESPÍRITO QUE ANDA **CHEGA AOS 90 ANOS**



No dia 17 de fevereiro, o **Fantasma** vira um **nonagenário**, com revista nova nos EUA, **álbuns com seus clássicos no Brasil** e biografia de seu criador, o **humanista Lee Falk**. Páginas 2 e 3



Personagem criou tradição dos heróis mascarados



Nas bancas de jornal e lojas especializadas em HQs no mundo, Fantasma quer dizer boas vendas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Piratas do mundo inteiro, na ficção, tremem de medo ao ouvir o nome do vigilante Fantasma desde o século XVI, pois foi ali pelos idos de 1536 que seu juramento de combate ao crime se fez ecoar do litoral de uma nação

africana chamada Bengala... ou Bangalla como se dizia por lá (...um lá fictício). Já bancas de jornal e lojas especializadas em HQs no mundo, Fantasma quer dizer boas vendas. Lojistas seguem a lucrar aos tubos sempre que algo de novo traz de volta o personagem que ajudou a pavimentar a tradição dos heróis mascarados.

A expectativa por um aquecimento do mercado quadrinhófilo é maior às vésperas de o Espírito Que Anda completar 90 anos. O aniversário, que corresponde à

estreia de suas tiras gráficas, será comemorado no dia 17 de fevereiro.

Foi nessa data que Leon Harrison Gross (1911-1999), aka Lee Falk, já conhecido pelo mágico Mandrake (criado em 1934), idealizou um guardião da justiça, radicado numa caverna de pedra, resguardado pelo cão Capeto e montado o alazão Herói. O anel com uma marca de caveira carimbava o rosto de seus adversários. Essas aventuras ganham a língua portuguesa numa

série de Omnibus (termo que se dá a compilações encadernadas com luxo de centenas de páginas ilustradas) lançados pela Mythos Editora. Seu site já põe à venda álbuns com as tramas “Extorsão em Alto-mar”, “Os Tugues” e “Ataque ao Orfanato”. Gênios do desenho como Sy Barry (hoje com 97 anos) e Wilson McCoy (1902-1961) ilustram essas joias.

Em 2025, a editora americana Mad Cave passou a publicar uma nova série de revistinhas do Fantasma, com roteiro de Ray Faw-

kes e arte e cores de Russell Mark Olson. É um material precioso para conhecer um combatente do Mal que já teve títulos na Marvel e na DC, saiu aqui pela RGE e pela Globo, e mobilizou a seção de quadrinhos de jornais com tiras da King Features Syndicate. Teve uma série clássica, em P&B, nas matinês dos cinemas, a partir de 1943, e um longa-metragem de 1996, com Billy Zane, que pode ser visto na Prime Video da Amazon.

Fora esse material, no Brasil,



Divulgação



Reprodução



A trajetória de Lee Falk, criador do Fantasma e do Mandrake, ganhou biografia do pesquisador Gonçalves Junior

“A longevidade do Fantasma assenta na mitologia criada por Falk, a partir da ideia de que o herói nunca morre, mas é uma linhagem que atravessa gerações”

GONÇALO JUNIOR



a editora Noir lançou um livro obrigatório do pesquisador Gonçalves Junior sobre o pai do Fantasma. Chama-se “Lee Falk – A Lenda dos Quadrinhos” e pode ser comprado no <https://www.editoranoir.com.br/>.

“Lee Falk foi uma figura rara no panorama cultural do século XX. Para lá de HQs, produziu mais de 500 peças de teatro, encenou quase cem e escreveu cerca de 20 textos dramáticos. A sua vida pessoal, intelectual e política é tão densa que, para muitos estu-

diosos, ultrapassa em interesse os próprios heróis que criou”, conta Gonçalves. “Nos anos 1950, Falk tornou-se o primeiro encenador branco e judeu a montar uma peça de Shakespeare com um elenco totalmente negro, num contexto de segregação racial profunda nos Estados Unidos. Foi um ativista empenhado do movimento dos direitos civis, e a sua filha, advogada nos anos 60, teve um papel decisivo na libertação de líderes negros presos durante protestos e ações políticas”.

Autor do seminal “A Guerra dos Gibis – A Formação Do Mercado Editorial Brasileiro E A Censura Aos Quadrinhos, 1933 A 1964”, Gonçalves conta ao Correio da Manhã sobre o papel de Falk durante a Segunda Guerra Mundial.

“Ele foi responsável por denunciar que a autobiografia de Adolf Hitler publicada nos EUA tinha sido manipulada, com a remoção sistemática das passagens de ódio contra os judeus. Há também relatos de que teria sido

um dos primeiros a alertar as autoridades norte-americanas para a existência dos campos de concentração nazistas”, conta Gonçalves. “Falk foi progressivamente reavaliando os elementos racistas presentes nas primeiras histórias que escreveu. Personagens como o príncipe Lothar, inicialmente retratado como um servo submisso de Mandrake, foram reconstruídas para ganhar autonomia, dignidade e complexidade. Esta revisão ética atravessa toda a sua obra”.

Em suas primeiras histórias, conforme explica Gonçalves, o Fantasma reproduzia uma visão colonial: era um homem branco que controla povos africanos através do medo, do misticismo e da superstição.

“Com o tempo, Falk reformulou radicalmente esta abordagem. Os africanos — negros, pigmeus, indígenas — deixam de ser figuras ‘primitivas’ e passam a cúmplices conscientes, inteligentes e estratégicos na luta contra o crime, usando deliberadamente a mitologia do Fantasma como arma simbólica”, analisa Gonçalves. “A longevidade do Fantasma assenta na mitologia criada por Falk, a partir da ideia de que o herói nunca morre, mas é uma linhagem que atravessa gerações. Esse conceito de imortalidade, aliado a elementos de magia, terror, medo e ritual, cria um poderoso efeito de encantamento, tanto para aliados como para vilões — e, claro, para os leitores”.

Em seu investimento nos quadrinhos, Falk considerava-se o criador do super-herói nº1, antes do último filho de Krypton voar sobre Metrópolis. Gonçalves conta que ele criou “o modelo moderno da grande aventura seriada”: histórias contínuas, mitologia própria, vilãs femininas, universos persistentes e heróis com legado. “Antes dele, existiam Mandrake, Flash Gordon, Buck Rogers e a adaptação de Tarzan, mas foi Falk quem organizou esses elementos num sistema narrativo que seria replicado até hoje. Até ao fim da vida, ele reivindicou esse pioneirismo, pois, para ele, Mandrake foi o primeiro super-herói dos quadrinhos, anterior até ao Fantasma”, conta Gonçalves. “Nas suas duas primeiras histórias, Mandrake possuía super-poderes explícitos: transformava vilões em animais, objetos em flores, matéria em ilusão. Falk foi um humanista, um inovador e um visionário. Usou a cultura popular para repensar racismo, poder, mito, identidade e justiça. Criou não apenas personagens, mas mundos simbólicos duradouros. Mais do que o pai de Mandrake e do Fantasma, foi um dos grandes arquitetos da imaginação moderna nos quadrinhos”.

Indie, queer genial

Todd Haynes, diretor de pérolas que desafiam a homofobia como 'Carol', ganha retrospectiva no CCBB no calor da conquista de um prêmio honorário em Cannes

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Divo autoral de um cinema que se faz com pouco dinheiro, muitas ideias e vontade de celebrar a coragem das populações queer, o americano Todd Haynes completou 65 anos no último dia 2, mas ainda tem festa para ganhar... pelo menos dos fãs brasileiros... que devem entupir sua retrospectiva no Centro Cultural Banco do Brasil a partir desta quarta-feira. O CCBB-RJ será a primeira das três unidades do aparelho cultural ligado a uma das mais sólidas instituições bancárias do país a ganhar uma mostra do diretor.

A carioca vai deste 14 de janeiro até 9 de fevereiro. Depois tem o CCBB-SP e o do DF. Arquitetada sob a curadoria de Carol Almeida e Camila Macedo - com idealização, coordenação e produção executiva de Hans Spelzon - tal revisão crítica da obra do realizador de "Veneno" (Prêmio Teddy, em 1991) almeja mostrar a novas gerações o quanto seu pensamento foi fundamental para debelar preconceitos. De seu pacote de pérolas fazem parte joias como "Velvet Goldmine" (prêmio de Melhor Contribuição Artística em Cannes, em 1998) e "Carol" (Queer Palm de 2015).

Haynes vem um 2025 quente. Ele presidiu o júri da Berlinale, em fevereiro, e, em maio, foi escolhido pela Quinzena de Cineastas para receber o troféu Carrosse d'Or, pelo conjunto de sua cinematografia, que tem o montador paulista Affonso Gonçalves como seu parceiro recorrente.

"O mestre alemão Rainer Werner Fassbinder dizia que um melodrama precisa de falsos finais felizes como forma de levar a plateia a entender o que se passa nos entornos da vida de suas personagens. Talvez por isso, o cinema que eu faço tenta mirar a sociedade e suas dinâmicas moralistas nas brechas em que a

lente da câmera não está centrada nas protagonistas", disse Haynes ao Correio da Manhã, em entrevista na Espanha, quando lançava "Segredos de um Escândalo" ("May December"), hoje no Prime Video da Amazon. "Montei esse longa com o Affonso, como venho fazendo, pois ele é uma pedra fundamental na minha criação. Eu sou ruim de olhar o copião do que rodo, sobretudo quando ainda estou filmando, e entrego a ele a tarefa de me propor uma versão inicial do material bruto. Ele sempre me sai com ideias provocativas".

Na Berlinale, Haynes dimensionou suas origens artísticas: "Sou contemporâneo de uma geração de artistas que viveram o pesadelo da Aids em seu berço, sob a crença de que é possível filmar com liberdade. A ideia de indie, como signo de autonomia, abre avenidas para vozes serem ouvidas, como provou Sean Baker (o diretor do oscarizado "Anora"), faz pouco, ao provar que é possível rodar longas com um celular", disse Haynes ao Correio da Manhã em Berlim.

Ainda empenhado em tirar do papel o projeto "Fever", uma cinebiografia da cantora Peggy Lee (1920-2002), com Michelle Williams no papel central, Haynes sofreu uma decepção, há cerca de um ano e meio, quando Joaquin Phoenix desistiu, abruptamente, de um filme queer que rodaria com o cineasta, às vésperas de a filmagem começar. O filme "foi para o frigorífico", em uma suspensão que vislumbrou saída quando Pedro Pascal mostrou-se interessado em atuar no papel que era de Joaquim. Não há atualizações a respeito do que virá daí, mas Haynes foi devidamente celebrado em Cannes, ao ganhar a Carroça de Ouro, cujo nome faz referência ao legado de Jean Renoir.

Organizadora desse tributo, La Société des Réalisatrices et Réalisateurs de Films (SFR) premiou em anos recentes as vozes autorais de peso, como Andrea Arnold, Souleymane Cissé, Kelly Reichardt, Frederick Wiseman, Martin Scor-



Todd Haynes ganhou a Carroça de Ouro da Quinzena de Cineastas de Cannes por sua excelência

“O cinema que eu faço tenta mirar a sociedade e suas dinâmicas moralistas nas brechas em que a lente da câmera não está centrada nas protagonistas” TODD HAYNES



O realizador com Cate Blanchett em 'Carol'



Julianne Moore e Natalie Portman em Segredos de um Escândalo

sese e Werner Herzog. Haynes foi escolhido por alargar as verves experimentais da imagem em seus filmes, como Far From Heaven (2002).

Na Croisette, um excerto da carta do Conselho de Administração da SFR dizia: "De "Superstar: The Karen Carpenter Story" a "Segredos de um Escândalo", os seus filmes são

habitados por uma enorme crença nas possibilidades experimentais e narrativas do cinema. O seu gênio reside na capacidade de nos emocionar e deslumbrar num único gesto, conjugando o virtuosismo formal com uma infinita capacidade de empatia e ternura.

Os seus filmes são refúgios para

todas as pessoas que sabem o preço que pagaram pelos seus sentimentos e pela sua diferença. Incansavelmente e sem descanso, você desafiou as normas e estruturas da representação cinematográfica para melhor questionar as nossas representações sociais, raciais e de gênero. É como se todo o amor e toda a violência do mundo confluíssem no seu cinema para nos levar numa torrente de emoções.

O público da mostra Todd Haynes poderá acessar em edição virtual e impressa um catálogo sobre o realizador, que servirá como fortuna crítica adensada no campo dos estudos queer e de gênero, reunindo textos em português de pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Em "Segredos de um Escândalo", além da montagem de Affonso Gonçalves, Haynes contou com a trilha sonora do longa é do brasileiro Marcelo Zarvos. "Editamos o filme ao som da música dele".

Berlinale.de

Wilson Webb/The Weinstein Company

François Duhamel/Divulgação

O Moretti de ontem é pra vida inteira

Numa programação impecável no mês de janeiro, a Cinemateca do MAM abre espaço para ‘Palombella Rossa’, ampliando o culto ao septuagenário diretor italiano, que é ás da ironia



O jovem Nani Moretti também é ator em ‘Palombella Rossa’, exibido em Cannes em 2025

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Numa corrida contra o relógio para ter o drama romântico “Succederà Questa Notte”, estrelado por Louis Garrel, pronto até maio, para o 79º Festival de Cannes, Nanni Moretti vai reforçar a grade da Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) neste janeiro em que aquele espaço de projeção desafia as mais diversas concorrências com uma programação invejável. Nesta quarta, às 18h30, haverá projeção de um marco de sua estética: “Palombella Rossa”, de 1989. No ano passado, essa projeção passou em Cannes, na seção Cinéma De La Plage, nas areias da Croisette. Lá, o diretor é rei. Ganhou a Palma de Ouro em 2001, com “O Quarto do Filho”.

Um dos produtores mais prolíficos da Itália neste momento em que seu país luta para se livrar da sombra de seus grandes mestres sem trair a tradição do neorealismo, Moretti ajudou a tirar dois filmes do papel nos últimos meses, “Vittoria” e “Quasia a casa”, apoiando outros cineastas a forjar uma verve autoral. A sua já soma 51 anos e tem vez agora no MAM, de modo a apresentar às plateias cariocas uma forma política de se filmar comédias.

“Na minha vida, desde estudante, o cinema sempre simbolizou uma forma de exorcizar aquilo que eu queria combater”, disse Moretti, em recente entrevista ao Correio da Manhã na França. “Carrego um

“Carrego um apreço grande por Buster Keaton, e seu humor, e tento levar essa verve do deboche para a tela com a certeza de não ser imparcial e de me orgulhar disso” **NANI MORETTI**



Nanni Moretti em cena de seu filme mais recente, ‘O Melhor Está Por Vir’

apreço grande por Buster Keaton, e seu humor, e tento levar essa verve do deboche para a tela com a certeza de não ser imparcial e de me orgulhar disso”.

Laureado com prêmios da crítica em Veneza e na Mostra de São Paulo, “Palombella Rossa” faz rir ao acompanhar um dirigente do Partido Comunista que costuma jogar polo aquático com rapazes mais no-

vos que ele. A história se passa quase que inteiramente numa piscina, que funciona como uma metáfora da vida em sociedade. O humor bizarro de Moretti, também protagonista do filme, pode ser considerado um tributo à ironia histórica da Itália na arte cinematográfica.

“Muita coisa mudou no mundo nesse período, sobretudo a velocidade de consumo de tudo. O sistema

já foi um sistema sólido, mas, neste momento, enfrentamos uma fase de desarticulação”, disse Moretti.

Na década de 1980, quando a tradição de excelência da indústria cinematográfica italiana entrou em sucateamento, filmes como “Bianca” (1983) e “A Missa Acabou” (1985) fizeram dele um pilar de resistência. Ao longo das décadas seguintes, “Caro Diário” (1993),

“Aprile” (1998), “O Crocodilo” (2006) e “Minha Mãe” (2015) expandiram seu prestígio autoral. Daí o impacto do resgate de seu “Palombella Rossa”.

“O streaming surgiu hoje com força, e funciona muito bem no sistema produtivo das séries, mas, no campo dos filmes, o papel criativo do diretor não é o que foi. Fui formado por um tipo de narrativa pré-1968 em que cada filme refletia sobre a realidade e sobre o próprio cinema, com Ermanno Olmi, Marco Ferreri, os irmãos Taviani, o Free Cinema inglês a Nouvelle Vague. Era um cinema que nos convidava a reagir”.

Acerca do cinema italiano mais recente, no próximo dia 22, as salas do Rio recebem “Hey Joe”, de Claudio Giovannesi. Nele, James Franco, astro conhecido pelo papel de Harry Osborn na franquia “Homem-Aranha” (2002-2007), tem a chance de voltar aos holofotes na pele do ex-pracinha da II Guerra Mundial Dean. Nos anos 1940, Dean viveu uma tórrida história de amor em Nápoles e abandonou sua amada grávida. Na década de 1970, ele decide correr atrás do prejuízo sentimental que causou e buscar seu filho, que se encontra envolvido com atividades ilícitas, nas raíais da máfia.

Nesta quinta, com a projeção de “Twin Peaks – Os últimos dias de Laura Palmer” (1992), o MAM abre a mostra “Um Ano Sem David Lynch. Um dos achados da Cinemateca em janeiro é a exibição de “A Hora da Religião” (2002), de Marco Bellocchio, no dia 23, às 18h30.



Reprodução

Fronte e verso do santinho da 'Santa Nanda da Sorte'



Reprodução TV

Wagner Moura exibe o santinho com a imagem de Fernanda Torres durante entrevista no tapete vermelho do Globo de Ouro

Com as bênçãos da Santa Nanda da Sorte

Santinho com imagem de Fernanda Torres foi o amuleto da equipe de 'O Agente Secreto' em noite histórica para o cinema brasileiro no Globo de Ouro

AFFONSO NUNES

A noite de 11 de janeiro de 2026 entrou para a história do cinema brasileiro no Globo de Ouro não apenas pelas estatuetas conquistadas pelo longa "O Agente Secreto", mas também por um detalhe curioso que circulou nos bastidores e no tapete vermelho da premiação: um santinho com a imagem de Fernanda Torres, carinhosamente apelidado de "Santa Nanda da Sorte". O amuleto, que acompanhou Wagner Moura, Kleber Mendonça Filho e outros membros da equipe da produção, trazia uma ilustração da atriz segurando o Globo de Ouro que ela própria

conquistou em 2025, quando se tornou a primeira brasileira a vencer a principal categoria de atuação feminina da premiação por "Ainda Estou Aqui".

A ideia surgiu de uma parceria entre a Nono Produções, responsável pela transmissão brasileira via TNT e HBO Max, e a ilustradora sorocabana Sophia Martinez Andreazza, de 31 anos. Em janeiro, a equipe da produtora procurou a artista com uma proposta inusitada: criar um objeto que os atores do filme pudessem carregar nos bolsos durante a cerimônia. Após pesquisar a estética de lembrancinhas distribuídas por paróquias da Igreja Católica, Andreazza desenvolveu o santinho seguindo essa tradição popular de bênçãos que as pessoas



Divulgação

Alice Carvalho e a 'padroeira' brasileira do Globo de Ouro

costumam trocar entre si. Na frente, a imagem de Fernanda com a inscrição "Fernanda da Sorte". No verso, uma mensagem afetiva: "Uma Fernanda da Sorte para abrir os caminhos e lembrar que 'a vida presta'".

O amuleto foi distribuído pela

“Gente, eu estou do outro lado do mundo, mas acordei com essa notícia maravilhosa. O meu irmão, esse baiano lindo, está com o Globo de Ouro em mãos. E o santinho que fizeram? Fiquei emocionada”

FERNANDA TORRES

Nanda da Sorte” durante as entrevistas. A superstição bem-humorada ganhou força quando “O Agente Secreto” saiu da cerimônia com dois troféus históricos: Melhor Filme em Língua Não Inglesa e Melhor Ator em Filme de Drama para Wagner Moura, que se tornou o primeiro brasileiro a conquistar essa categoria no Globo de Ouro.

Mesmo acompanhando a premiação à distância, Fernanda Torres não deixou de celebrar. A atriz usou as redes sociais na segunda-feira seguinte para parabenizar a equipe pelas conquistas e comentou, emocionada, sobre o santinho. “Gente, eu estou do outro lado do mundo, mas acordei com essa notícia maravilhosa. O meu irmão, esse baiano lindo, está com o Globo de Ouro em mãos”, disse Fernanda, referindo-se carinhosamente a Wagner Moura. E acrescentou, entre risos: “E o santinho que fizeram? Fiquei emocionada”. A atriz também curtiu e comentou a publicação da designer no Instagram, passou a seguir o perfil de Sophia Martinez Andreazza e compartilhou fotos dos atores segurando os santinhos para celebrar a vitória do Brasil.

Para a ilustradora, que acompanhava a programação ao vivo do canal GloboNews no domingo, a repercussão foi uma surpresa. Andreazza não esperava que sua criação ganhasse tanta visibilidade e se tornasse parte de um momento tão marcante para o cinema nacional.

Além das duas vitórias, “O Agente Secreto” ainda disputou o prêmio de Melhor Filme de Drama, mas acabou superado por “Hamnet”. Ainda assim, o saldo foi amplamente positivo para a produção dirigida pelo pernambucano Kleber Mendonça Filho, que saiu da cerimônia como um dos grandes destaques da noite e fortalecido para receber indicações ao Oscar.

A conquista de Wagner Moura é especialmente significativa por abrir caminho para outros atores brasileiros em categorias principais de premiações internacionais, reforçando a força e a qualidade do nosso cinema.

ENTREVISTA | CHRISTIAN LYNCH E ELIZEU SANTIAGO

CIENTISTA POLÍTICO E DIRETOR DO ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

‘Trata-se de um problema estrutural, não de um defeito moral da cidade ou de seus habitantes’

Divulgação



“Criou-se uma certa naturalização da decadência e do maltrato desse patrimônio, resultado de décadas de abandono institucional”

CHRISTIAN LYNCH

“Parte dos problemas enfrentados pelo Rio tem raízes políticas que remontam à mudança da capital para Brasília e à fusão imposta pela ditadura militar”

ELIZEU SANTIAGO

Por que o Rio de Janeiro deveria ser oficialmente reconhecido como segundo Distrito Federal do país?

Christian Lynch – O Rio foi a única cidade brasileira que se especializou em representar simbolicamente a totalidade da nação, permanecendo como capital científica, cultural e militar do país, concentrando universidades, centros de pesquisa, instituições culturais, comandos e instalações estratégicas que não encontram paralelo em nenhuma outra capital estadual. Reconhecer essa capitalidade significa, antes de tudo, admitir uma realidade já existente. O movimento não visa restaurar algo perdido, mas criar uma base simbólica e programática capaz de mobilizar a classe política e a sociedade civil fluminenses, permitindo resistir a decisões que aprofundam a marginalização do Rio e pressionar por uma redefinição clara do papel do governo federal na cidade. O objetivo final não é apenas afirmar uma identidade, é transformá-la em capacidade efetiva de ação política e reposicionar o Rio de Janeiro no centro da vida nacional.

É possível atribuir a queda de qualidade de vida na cidade à fusão da Guan-

OLGA DE MELLO Especial para o Correio da Manhã

Em 1960, o Brasil ganhou uma capital novinha em folha: Brasília, cidade planejada para determinar os rumos do país, no centro do território nacional. O Rio de Janeiro, que exerceu tal função por quase 200 anos, perdeu prestígio político, porém se manteve como um dos polos da criação cultural, turística e impulsionador da economia do país – pela exploração de campos de petróleo e gás na costa fluminense. Para muitos estudiosos, a cidade merece ser reconhecida como capital honorária do Brasil – até por reunir mais funcionários públicos federais do que Brasília –, campanha que tem entre seus adeptos o prefeito Eduardo Paes. A tese é defendida desde 2017 pelo cientista político Christian Lynch, que divide a organização do livro “Rio, capital do Brasil: Ensaios sobre a capitalidade” (Ed. Jaguaritica, com apoio da Prefeitura e do Arquivo Geral da Cidade), com Elizeu Santiago, diretor de Ensino e Pesquisa do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Em entrevista ao Correio da Manhã, Santiago e Lynch esclarecem essa tese e alguns temas do livro, que será lançado nesta quarta-feira (14), com um seminário no Palácio da Cidade.

bara com o Estado do Rio, em 1975?

Elizeu Santiago – Parte dos problemas enfrentados hoje pelo Rio de Janeiro tem raízes políticas profundas, que remontam à mudança da capital federal para Brasília e à fusão imposta pela ditadura militar, em 1975. Essa operação criou uma estrutura federativa de difícil gestão, e qualquer solução viável para resolvê-la passa pelo reconhecimento explícito da capitalidade do Rio de Janeiro por parte do governo federal, com a concessão formal do título de capital honorária ao Rio de Janeiro, acompanhada da criação de um grupo de trabalho voltado à

gestão racional e coordenada do vasto patrimônio federal existente no município.

O Rio manteve, na prática, sua trajetória de capital política e cultural, apesar dos graves problemas que enfrenta?

Elizeu Santiago – O livro parte da constatação de que o Rio de Janeiro nunca deixou de ser a capital simbólica e cultural do Brasil. Essa centralidade não é um resíduo do passado, mas uma condição estrutural que continua a se reproduzir no presente, apesar da crise prolongada vivida pela cidade e pelo estado. A

tendência quase imperial de concentrar funções administrativas na capital federal – isolando a administração pública num enclave artificialmente apartado do principal centro demográfico, cultural e simbólico do país – tem contribuído diretamente para o agravamento da crise fluminense.

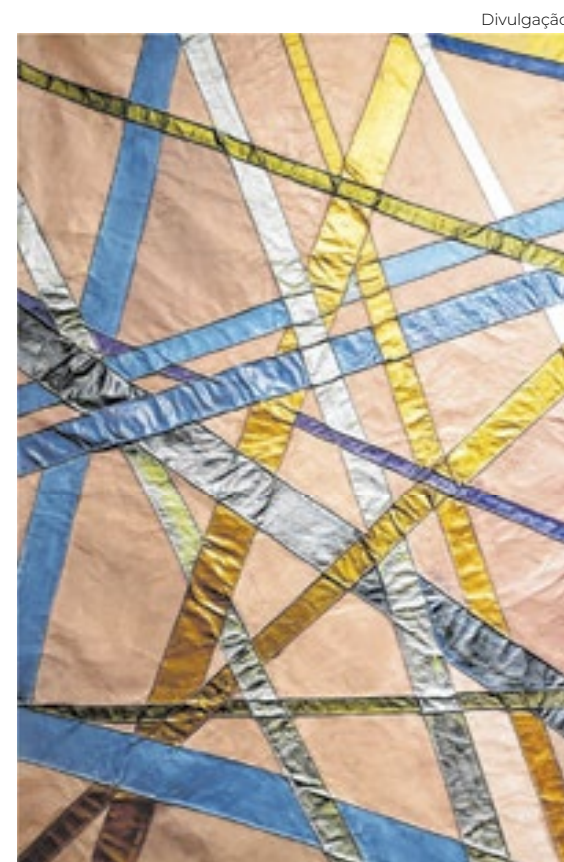
O reconhecimento da capitalidade poderia alterar a percepção do próprio carioca, crítico constante da qualidade de vida e insegurança da cidade?

Christian Lynch – No caso da segurança pública, a crítica é

mais do que justificada. A situação dramática da segurança no Rio é inseparável de sua condição singular: uma cidade com forte presença federal, atravessada por competências sobrepostas, responsabilidades difusas e um histórico recorrente de intervenções federais, formais ou informais. Trata-se de um problema estrutural, não de um defeito moral da cidade ou de seus habitantes. O carioca, em geral, valoriza muito a cidade do Rio de Janeiro; o que ele tende a não valorizar da mesma forma é o seu patrimônio histórico e artístico. Criou-se uma certa naturalização da decadência e do maltrato desse patrimônio, resultado de décadas de abandono institucional. Reverter esse quadro é uma tarefa do poder público. Durante séculos, o Estado brasileiro investiu pesadamente na representação do Rio como capital do país, por meio de palácios, prédios administrativos, avenidas monumentais e marcos simbólicos. Esse acervo não é ornamental, ele materializa uma história política e institucional singular. O reconhecimento de que o Rio permanece uma cidade de natureza federal – por sua história, por seu patrimônio, por suas funções e por sua densidade institucional – precisa orientar políticas públicas concretas



Mário Camargo
transforma
resíduos têxteis
em “peles das
paredes”



Divulgação

Descartes ressignificados

AFFONSO NUNES

Sofás desgastados pelo tempo, colchas que já aqueceram corpos anônimos, tapetes sem destino certo. O que a maioria descartaria sem pensar vira matéria-prima nas mãos de Mário Camargo. Na exposição “hoje, eu contei pras paredes”, em cartaz no Centro Cultural Cândido Mendes, em Ipanema, o artista plástico apresenta trabalhos que desafiam a lógica convencional da pintura e do suporte. Com curadoria de Denise Araripe, a mostra reúne peças que não cabem em molduras.

O processo criativo de Camargo começa pela coleta de materiais descartados. Tecidos que guardaram o uso cotidiano, superfícies que sustentaram pesos e histórias são recortados, justapostos e costurados. As linhas atravessam, marcam, insistem em revelar a construção da obra. Sobre essa pele composta, o artista aplica cores densas e vibrantes. O preto surge em círculos irregulares espalhados como constelações instáveis, criando campos de tensão entre o concreto do material e o abstrato da forma.

“Esta ideia de ressurreição do rejeitado, em conjunto com as

costuras industriais que substituíram os traços, evidenciam o ressurgimento de uma nova poética”, explica o artista, lembrando uma profecia feita pelo crítico de arte francês Pierre Restany, que previu o abandono dos chassis tradicionais. “Restany disse que, no futuro, minhas obras passariam a ser ‘as peles das paredes’ e, realmente, foi o que aconteceu. Hoje, meus trabalhos são presos nas paredes por agulhas e funcionam como verdadeiras peles”, diz.

As obras de “hoje, eu contei pras paredes” são fixadas diretamente nas superfícies arquitetônicas, recusando a distância con-

O processo criativo de Camargo começa pela coleta de materiais descartados que são recortados, justapostos e costurados

vencional entre obra e espaço expositivo. As paredes deixam de ser mero suporte passivo para se tornarem corpo que escuta e sustenta. Essa relação direta com a arquitetura estabelece um diálogo sobre o que as superfícies absorvem silenciosamente no cotidiano – conversas, segredos, vivências que se acumulam nos espaços domésticos.

A trajetória de Camargo começou quase por acaso. Como muitas crianças, demonstrou interesse precoce pelo desenho, mas foi o convite de uma amiga pintora que o levou à primeira exposição. A crítica de arte Esther Emílio Carlos, do Ibeu, abriu portas importantes ao se

interessar pelo seu trabalho. O artista expôs em Santiago do Chile e Paris, onde participou da feira MAC 2000 como único brasileiro entre cem artistas franceses. Na ocasião, chamou atenção sua técnica peculiar de pintar diretamente no chão, ao sol, usando tinta acrílica líquida e interrompendo a secagem com jatos d’água em processo quase arqueológico.

Para Camargo, a arte exerce função existencial. Ele recorre a Nietzsche para explicar seu processo criativo: “A arte existe para não morrermos da verdade” e “A arte existe para que a realidade não nos destrua”, cita o filósofo alemão. “Essas definições sintetizam como enfrentamos nossas barreiras e nos ajustamos ao que nos cerca. A arte transmite verdades, muitas vezes mostradas subliminarmente nos projetos e desenhos, e são denúncias à frente do seu tempo”, afirma o artista.

SERVIÇO

HOJE, EU CONTEI PRAS PAREDES

Centro Cultural Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema)
Até 4/2, de segunda a sábado (15h às 19h)
Entrada franca